

*Plácido Aderaldo Castelo*

No Brasil, o maior crítico literário e estilista foi, proclamam os nossos grandes entendidos, Araripe Júnior. Dir-se-ia necessitar ele de um setor em que realçasse a sua inteligência, atendendo a que o seu genitor, o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, nascido no Icó, a 7 de outubro de 1821, e falecido no Rio, aos 3 de junho de 1908, foi figura humana de claridade mental impressionante, como político, historiador e magistrado, quer no Império, quer na República. Este, sob certos aspectos, não teve a projeção do pai, vulto, frizemos, de marcante prestígio no cenário político da região, merecendo, por isso, severas críticas, mormente de João Brígido, que o considerou um cristão-novo por servir a República, não obstante o Coronel Tristão Gonçalves de Alencar Araripe ter sido uma das grandes vítimas da Monarquia, herói e mártir do movimento de 1824, como Presidente da Confederação do Equador. O reparo violento de João Brígido, possivelmente, teria determinado que Araripe Júnior o dissecasse impiedosamente, quando informado da existência de um projeto de Constituição do Ceará, de autoria do desabusado jornalista que, a par de monarquista, não era especializado em Direito Público.

A conduta do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, focalizada por João Brígido, malsinando-lhe o proceder, faz lembrar a atitude do futuro Senador José Martiniano de Alencar em face da célebre súplica do Imperador, após os acontecimentos de 1817, livrando-o de sérios aborrecimentos. A verdade é que os gestos, quer do Senador Alencar, quer do Conselheiro Tristão, foram paradoxalmente úteis à Pátria, mais do

que aos dois notáveis homens públicos. José Martiniano alcançou as culminâncias de Presidente da Província e de Senador do Império. No governo do Ceará foi, quiçá, o maior administrador que já teve a nossa terra. O Conselheiro Tristão governou as Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará, encerrando a sua brilhante carreira de político e jurista como Ministro do Supremo Tribunal, o mais alto posto que um jurisconsulto pode e deve cobiçar em nosso País.

Araripe Júnior, filho do Conselheiro e neto de Tristão Gonçalves, nasceu nesta cidade de Fortaleza aos 27 de junho de 1848, e faleceu no Rio a 29 de outubro de 1911. O Senador José Martiniano de Alencar e Ana Josefina, seus tios-avós, foram os padrinhos. Diz José Aderaldo Castelo, na biografia literária de Araripe Júnior, a propósito do centenário do seu nascimento, que aos 6 anos foi ele para Bragança na companhia do pai, então Juiz de Direito. Em 1856, seguiu o genitor na transferência para o Espírito Santo e, três anos mais tarde, se achava em Pernambuco, estudando os preparatórios no Colégio do Bom Conselho.

Acadêmico de Direito, no Recife, em 1869, data de então o início da sua carreira literária, no opinar daquele crítico, colaborando no *Mosaico* com páginas de ficção. Escreveu, também, em 1868, no *Correio Pernambucano*, de quando data, ainda, o seu primeiro livro de ficção — *Contos Brasileiros*, publicado no Recife, utilizando o pseudônimo de Oscar Jagoanhara. Outros pseudônimos haveria de usar, tais como Alferes Cosme Velho, Copelius, Cosme Velho, Martim Moreno, Tomé de Sousa e Ar. Jr. A sua formação filosófica e crítica — afirma-o Afrânio Coutinho, que muito se serviu dos subsídios que lhe forneceram a Casa de Juvenal Galeno, Braga Montenegro e José Aderaldo Castelo — foi impregnada do clima de rebeldia intelectual característica da década de 70. Herdeiro das doutrinas da Enciclopédia, do Iluminismo e da Revolução Francesa, marcado ficou o surto das idéias nacionalistas, positivistas, deterministas, evolucionistas e naturalistas, cujos maiores representantes foram Taine, Buckle, Comte, Spencer.

Concluído o curso jurídico em 1869, Araripe Júnior secretariou o Governo de Santa Catarina, sendo nomeado, dois anos após, Juiz de Direito de Maranguape, quando teve oportunidade de acompanhar o movimento da “Academia Francesa” e da Escola Popular.

Exerceu o mandato de deputado provincial nas legislaturas de 1872 e 1875. Depois da magistratura e da política, indo para o Rio de Janeiro, se dedicou inicialmente à advocacia. Mas esta, e já observou Félix Pacheco, como a política e a magistratura, nunca o seduziu. O próprio Araripe Júnior, anos mais tarde, depois de presenciar a revolta da Armada, durante a qual foi voluntário ao lado de Floriano, sentenciaria, escrevendo a seu pai: “Que é a política? Uma água que os homens turvam para poderem pescar sem que os companheiros vejam”. A sua ida para o Rio — convém esclarecer — foi consequência da sua não concordância com a remoção para a Comarca de Viçosa.

A transferência, em que pese a ser Viçosa do Ceará de muitos encantos, significou para ele um desterro. Esse proceder do Governo não teria sido uma represália à sua conduta como homem de espírito, influenciado pelos filósofos em moda?

Emigrado, não esqueceu ele a terra do berço, mantendo correspondência com os amigos que aqui deixara, principalmente Juvenal Galeno, tido como o Béranger cearense. A esse propósito Araripe esclarece: “O grande Béranger não será o tipo que mais tenha influído no espírito do nosso poeta — Juvenal Galeno — para a formação do artista. Creio que as suas inspirações são virgens. Eco do povo, filha das suas dores e alegrias, suspirou sua lira, e vibraram a nossos ouvidos os seus cantos suaves e melancólicos. Béranger era o intérprete das turbas. Foi, portanto, o poeta de uma crise popular, e não tanto o puro revelador dos segredos das criaturas do “Bom Deus”. Já antes havia ele escrito: “O sinal do verdadeiro talento é a clareza — a naturalidade. É justamente no parecer fácil que está a grande dificuldade.” Ilustra seu pensamento com versos de Gonçalves Dias

*“Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá”*

e de Juvenal Galeno

*“Cajueiro pequenino;  
Carregadinho de flor,  
Eu também sou pequenino,  
Carregado de amor.”*

Para Araripe Júnior, “antes de sua aparição, ninguém se tinha lembrado de tão fáceis idéias”.

Sim. “Ninguém melhor, nem com mais graça, tem pintado os costumes do rude lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro e a poética sorte do melancólico pescador; ninguém com mais delicadeza tem chegado a penetrar os segredos do lar doméstico do pobre e sabido com tanta destreza acompanhá-lo em seus felicidades e torturas, em suas festas e brincados; ninguém afinal já conseguiu esboçar com mais vivas cores as desgraças das últimas classes sociais, dessas vítimas inglórias da prepotência dos subdelegados, da ignorância das autoridades e, mais que tudo, do nosso desastrado sistema eleitoral.”

Posto de lado João Brígido, Araripe Júnior não se entendeu muito bem com o grande Joaquim Catunda. Reconhecendo-lhe os méritos, procurou todavia ironizá-lo, assim procedendo com relação a João Cordeiro. Para os demais cearenses — o incentivo, a palavra de fé. Vai a crédito de Josué Montello: apresentado a Gustavo Barroso, e sendo amigo de Felino, pai do então jovem escritor, estranha não ter recebido carta do conterrâneo recomendando o filho. Gustavo silenciou e Araripe Júnior compreendeu: “Sou capaz de jurar que o pai lhe deu a carta, mas esses cearenses de uma figa são assim mesmo. Um orgulho infernal! Orgulho de que? Da seca? Da miséria? Do diabo que os carregue! Mas orgulho afinal. Todos querem vencer sozinhos, sem dever nada a ninguém. Compreendo. Também fui assim. Na verdade, é mais bonito.” E

estendeu a mão em despedida. Não só com os cearenses, mas com todos os estreates “tinha o prazer em animar com simpatia de seu temperamento benévolo e tolerante”. Estas características de sua personalidade teriam influído no espírito de Cruz Filho para elegê-lo Patrono da Cadeira 39 da Academia Cearense de Letras? Ou, então, a admiração por sua concepção crítica, oriunda dos grandes técnicos da literatura — Aristóteles, Horácio, Quintiliano, Longino, Boilleau, Taine, Sainte Beuve, todos também conhecidos de Cruz Filho que era, igualmente, crítico literário e professor de literatura?

Cuida de flores quem sonha. A poesia é rosa e o poeta o jardineiro. Para o praticista, negativista do sentimento, o poeta é considerado um homem sem objetivos definidos. Ser poeta é ser indiferente à realidade, um despreocupado da vida. Usar cabelos compridos, hoje comum na mocidade, e o desleixar-se no vestir — caracterizaram, há poucas décadas, os homens que versejavam. Essa qualificação primária vige na província até bem próximo o dealbar da década de 1930, quando era de melhor tom as jovens declamarem, ao som de Dalila, versos dos poetas da moda. Invariavelmente, os poetas amam as flores e exaltam suas musas. Sonhadores, platônicos, visionários: a serra verde, sempre que divisada ao longe, assume a cor do cobalto. José da Cruz Filho cuidava maravilhosamente da métrica e trajava com esmero. E, como ele, os que versejavam. Parece-me que o Patrono da Cadeira nº 39 o definiu como vidente: “era de inspiração titânica e palpitações cheias e isocrônicas”. Nasceu aos 16 de outubro de 1884, em Canindé, seu doce Canindé:

*“Depara-se-me agora esta visão idílica:  
A casa em que nasci, na praça da Basílica,  
Com o mesmo aspecto antigo . . .  
Tempo! Tempo voraz, tudo com as garras feres!  
Ficam atrás de ti só destroços e escombros!  
Aos homens vergas os robustos ombros,  
Cavas rugas nas faces das mulheres!  
Moçoilas que eu amei; virgens belas e puras,*

*Quem foi que encaneceu vossos cabelos flavos!  
Quem ao vento entregou aquelas ternas juras  
Que me fizestes e eu vos fiz  
Nesta quadra feliz,  
Em que a nossa existência é um canteiro de cravos!"*

Versos, estes, posteriores à sua imigração do Canindé. Versos de quem regressa com as asas do pensamento e procura relembrar um passado feliz, um episódio da juventude, que gerou inesquecível amor. Estaria ela entre as moçoilas lembradas? Encontrar-se-ia entre estas a "altiva mulher" a quem amou? José Valdivino, numa crônica correta de linguagem, de conceitos e observações válidas, interroga: "A poesia cruzfiliana encerra uma queixa, traduz uma frustração. Será que Cruz considerava-se um frustrado? Ele que foi um realizado em sua vivência poética? Ele que era o príncipe dos poetas cearenses? (...) Aquela altiva mulher de sorrisos de gelo jamais há de atingí-la e, vencido, cairá sobre o solo adusto, entre as nuvens de pó."

*"E por mais que o espaço alucinado sonde  
E interrogue às trevas dessas noites más,  
Em que Estrela, em que astro o vulto teu se esconde,  
Nem sequer um som à minha voz responde...  
Ah! ninguém me diz onde vivendo estás!..."*

E mais:

*"Saudade! cimo azul de onde o passado vemos!  
Ei-la, revejo-a além num raptó fugidio,  
Quando de ardente amor doces juras fizemos  
Saudade! e ao meu olhar estático de monge,  
A vida árida e má é um deserto vazio,  
Com um vulto de mulher que vai sumir-se ao longe..."*

É a confissão do tímido, mesclada de pessimismo. Por sem dúvida o encontro dele como Spencer e Renan não foi feliz, não o tranqüilizou.

O amor volúvel, de um dia, que Eduardo Campos vislumbrou no comportamento de senhoras “que foram à casa de Cruz Filho, apertaram-lhe as mãos outrora quentes, com uma ponta de saudade dos amores abertos e proibidos”, constituía a fuga em face do ideal não atingido.

No bellissimo poema “Aldeia Natal”, repasse de sua infância, adolescência e maturidade, escrito claramente com amor, evocações maravilhosas de vitórias, ilusões, fracassos; apego afetivo à terra, transporte de sonhos, não renega o agnosticismo e retrata a sua amargura.

Foram pseudônimos de Cruz Filho: C.H. Bento da Silva, Caio Flávio, César Tigre, Climério Várzea, João das Egas Moniz, Manfrido Rutílio.

Raimundo Girão, sempre consciencioso e inegável autoridade literária, dele disse: “poesia abundante, ricamente imaginosa e parnasiana na forma, burilada, polida, relimada na ânsia da perfeição métrica e do castiço”. E Artur Eduardo Benevides assim se pronunciou: “Cruz Filho é grande. É um dos nossos maiores poetas, em todos os tempos. Sua mensagem revela uma busca incessante da perfeição, sob a influência da estética parnasiana, cujas diretrizes se chocariam um pouco com a nossa natureza tropical e sangue latino, que nos dão um espírito amoroso e ardente.” Por igual, Herman Lima: “Cruz Filho deixou-se ficar por lá — Canindé — até passados os vinte e quatro anos, quando se transferiu definitivamente para Fortaleza. Aproximando-se então do grupo literário que todas as tardes fazia roda em torno de uma das mesinhas do antigo Café Riche, por volta de 1918, incorporou-se de logo *par droit de conquête* ao número dos seus mais ilustres companheiros, como Antônio Sales, José Albano. Seus versos, primeiramente publicados, desde dez anos antes, nos pequenos jornais de sua cidadezinha natal (tendo sido ele próprio o fundador do primeiro ali aparecido, em 1908), haviam-no consagrado já por aqueles tempos como um dos grandes das letras do Ceará, ainda mais quando, por várias vezes, estampados nas páginas de relevo de revistas cariocas de prestígio do *Fon-Fon!* Professor do Colégio dos frades franciscanos de Ca-

nindé, onde antes estudara nos primeiros anos de vida, Cruz Filho publicou, ainda, em 1931, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, um excelente livro didático, *História do Ceará*, de larga divulgação nos nossos estabelecimentos de ensino. A monografia sobre o soneto é o resultado de seu vastíssimo conhecimento do poema das suas preferências.

Trata-se, realmente, de obra enriquecida pela experiência duma vida inteiramente dedicada à poesia, pois que, muito embora devotado há trinta anos ao serviço público, em cargos de obrigatória eficiência, como tenham sido as suas funções de Diretor duma Secretaria de Estado e de Secretário da Faculdade de Direito do Ceará, o que Cruz Filho tem sido sempre, acima de tudo, é um impenitente devoto das belas letras e particularmente dos belos poemas, de que é o soneto o mais sutil e versátil dos gêneros.”

Na prosa revelou-se conferencista, escritor primoroso, contista. Poetas de escol como Cruz Filho, a exemplo de Bilac, salientaram-se também como contistas de mérito. Nesse setor, como classificá-lo? Entre os dramáticos? De intensidade e força e ironia mordaz são os retratos que pintou em *Histórias de Trancoso*. Na verdade, são páginas de profunda análise psicológica. Indaga-se por que *Histórias de Trancoso*? Homenagem a Gonçalo Fernandes Trancoso, considerado, historicamente, como o primeiro contista da língua portuguesa? Difere, e muito, o prosador Cruz Filho, de prosa impecável, escoreito, purista do idioma, do autor de *Contos e Histórias de Preceitos e Exemplos*, cuja prosa era desataviada, coloquial e ingênua, “misturando o sobrenatural com o real, sem medo à inverossimilhança”. Cruz Filho quis homenageá-lo atendendo a que sua geração, minha geração, era ninada com histórias ditas de Trancoso, ao balanço da rede?

Como contista foi Cruz Filho o mesmo artista da frase perfeita, o que também pode ser observado quando escreveu a *História* de sua terra e de sua gente, quando pronunciou os poucos discursos que proferiu ou quando analisou trabalhos de outros intelectuais.

A substituição de Cruz Filho, que ora se faz, significa que o coração e a amizade constituem binômio de força decisiva. Cláudio Martins esqueceu que a sua ilustre Companhia é constituída de eminentes cultores da literatura, olhando para alguém que se encontra na planície modesta e envaidecê-lo. Grave pecado cometido pelo caríssimo amigo, ao acrescentar à egrégia Casa elemento que jamais versejou, procurando apenas escrever com objetivos definidos e, ainda assim, com muita prudência. Relativamente a João Clímaco, quanta benevolência e amizade, e hoje não pode estar aqui por motivo que tanto nos compunge, a pronunciar a saudação oficial em nome da Academia, da qual é vulto eminente pela sua produção literária presente e passada. Ao Mozart o meu agradecimento pela mensagem de João Clímaco de que foi tão bondoso e delicado portador. Mas, aceitei, para ser humilde aprendiz. A amizade também é válida. Comprovando-a, Raimundo Girão, Luís Sucupira, Mozart Soriano Aderaldo e José Valdivino benevolmente opinaram e se interessaram vivamente pela aceitação do candidato. O plenário sacramentou o parecer por neles confiar. Tudo vai por conta dos nossos imensuráveis pecados de cearenses, confiantes e imprevidentes.

Cruz Filho numa bela oração, relembrando Beni Carvalho assegurou que é *triste morrer*. Não me parece tenha razão quando homens como ele são sempre lembrados pelos que ficaram e são consagrados como vultos que amaram, se fizeram amados e reconhecidos dos amigos e da Pátria. Triste é sentir saudade de pessoa querida na ausência eterna. . .

Que eu estou envaidecido, humanamente, o confesso. Mas a coragem revelada deve merecer respeito. Já mereço, portanto, perdão.

Obrigado, meu caro Presidente! Agradecido, meus novos companheiros de ideal.